

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

André Luiz Fernandes Andries

RUBEM ALVES E A CONTRACULTURA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida.

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, André Luiz Fernandes Andries, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073155A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Rubem Alves e a contracultura**, desenvolvido durante o período de abril a junho de 2022 sob a orientação do professor Edson Fernando de Almeida, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de Junho de 2022.

André Luiz Fernandes Andries

RUBEM ALVES E A CONTRACULTURA

André Luiz Fernandes Andries¹

RESUMO

A proposta é aproximar Rubem Alves do fervor cultural da década de 1960 nos EUA e buscar pistas de como alguns acontecimentos daquele tempo podem ter influenciado em suas atividades acadêmicas e literárias. Rubem Alves viveu em três ocasiões nos EUA. Ao todo, passou sete anos por lá, morando em duas importantes cidades, frequentando prestigiadas universidades, testemunhando 'in loco' uma sequência de eventos que inquietaram a maior potência capitalista do mundo. A devoção aos estudos, por certo, não o deixou indiferente ao que estava ocorrendo ao redor.

PALAVRAS-CHAVE: Rubem Alves. Contracultura.

1. INTRODUÇÃO.

"quando eu nasci/ um anjo louco muito louco/ veio ler a minha mão/ não era um anjo barroco/
era um anjo muito louco, torto/ com asas de avião;
eis que esse anjo me disse/ apertando minha mão/ com um sorriso entre dentes/ vai bicho
desafinar/ o coro dos contentes/ vai bicho desafinar/ o coro dos contentes". *Let's play that*, de
Jards Macalé e Torquato Neto.

O presente artigo busca aproximar e sugerir possíveis afetações no pensamento e na obra de Rubem Alves decorrentes do movimento contracultural, que irrompeu inicialmente nos EUA no início da década de 1960, e depois se propagou – com as variações específicas de cada território - por muitos países do mundo. Era um movimento contestatário com uma vasta pauta que abrangia o social, o político, o filosófico, o religioso e, com mais destaque, as postulações por liberdade e direitos civis.

Uma das características da chamada contracultura estadunidense é que ela surge denegando vários ordenamentos até então tradicionais numa sociedade em que o triunfo do capitalismo e o *American way of life* se mostravam como exemplos e espelho para muitos países. A contracultura colocou em questão os partidos políticos, a histórica segregação racial, que se estendia ao sistema de ensino, as constantes guerras que matavam milhares de jovens e chegou ao âmago do sistema, quando colocou sob suspeita a acumulação capitalista e a sociedade de consumo.

Pelo fato de ser um pensador que transitou por múltiplas áreas de saberes, sendo por isso um autor polígrafo, vamos adotar como método de trabalho – e prospecção de pistas – a divisão de sua obra em três fases que, a grosso modo, abrange as suas atividades como teólogo, filósofo e escritor que, de certa forma, distingue as etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves.

Esse tripé foi proposto por Dildo Pereira, em sua tese de doutoramento *Antropologia e educação: raízes contraculturais do pensamento pedagógico de Rubem Alves* (2013), que será uma espécie de chave-mestra para adentrarmos as portas em busca de escritos por acaso deixados em algum desvão pelo 'feiticeiro' que gostava de provocar espantos. Essa mesma tripartição foi aplicada por Antônio Vidal Nunes, também em seu doutoramento: *Rubem Alves e a educação dos sentidos. Um estudo dos seus pressupostos filosóficos e pedagógicos* (2001), no entanto, com pequenas alterações no sumário de cada uma. Vejamos.

Pereira nomeia essa primeira fase de teológico-acadêmica ou fase da "esperança" e "de libertação", marcada por inquietações e buscas sociológicas, período que vai desde o encontro de Rubem com Richard Shaull (1919-2002), no Seminário de Campinas, em meados dos anos 50, até seu retorno de Princeton, em 1968, após a conclusão de sua tese de doutoramento. Nunes chama essa fase de teológico-pastoral, que decorre das ações do teólogo recém-formado que vai trabalhar em Lavras.

A segunda fase, diz Pereira, é a filosófico-antropológica, e compreende o período em que Rubem está à procura do homem enquanto autor ou criador da história, do mundo e de si próprio. (...) "Para tanto, busca descobrir o homem e a vida lá onde se costuma dizer haver uma essência ou, talvez, uma alma. E encontra-o,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: alfaandries@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Professor Doutor Edson Fernando de Almeida.

mesmo que apenas parcialmente, trilhando os caminhos abertos por Ludwig Feuerbach, Karl Marx e Friedrich Nietzsche” (PEREIRA, 2013, P. 116).

Vidal Nunes abona essa perspectiva, mas a nomeia de filosófico-poética, e acrescenta um marco importante para nossa busca: data do início do *exílio* de Rubem Alves no golpe pós-64 até meados da década de 1980. É nesta segunda fase, segundo Nunes, “que se delinea a antropologia filosófica de Rubem Alves. O homem passa a ser compreendido como um ser de desejo e amor. A ciência, a religião e a educação, três temas importantes na reflexão alvesiana, passaram a ser compreendidas à luz do seu humanismo” (NUNES, 2001, p. 14).

Destacamos a palavra *exílio* porque mais à frente, o leitor vai encontrar esse substantivo associado a uma ruptura teológica e existencial de Alves, ou seja, a um comportamento contracultural.

Pereira (2013, p. 117) sintetiza a sua terceira fase como poético-pedagógica. Alves se “afasta da academia” e se torna psicanalista. Pereira diz que nesse período deu-se o encontro radical de Alves com Freud e com o universo da psicanálise. Ambos muito presentes em todos os seus escritos. Principalmente nos textos sobre educação e nas histórias para crianças.

A terceira e última fase do itinerário construído por Nunes é nomeada de poético filosófica. Nesta fase, o pensador mineiro radicaliza sua reflexão, “motivado por certos fatos da sua história pessoal e abandonando a linguagem científica e acadêmica, virou poeta e místico” (NUNES, 2001, p. 15).

Por Vidal Nunes, em citação de Pereira, acerca das três etapas do trajeto de Rubem Alves. “Em sua metamorfose, ele começou como teólogo otimista, tornou-se um filósofo cauteloso e, por último, chegou ao poético e místico preocupado em viver a vida no seu fluir. Converteu-se, assim, num cronista do cotidiano” (NUNES, 2001, p. 15 *apud* PEREIRA, 2013, p. 117).

Esse último trajeto, no qual a poesia se junta ao místico, será por nós demarcado como o ponto inicial de uma caminhada que Rubem vislumbrou a partir de suas vivências com a contracultura estadunidense que, naquela pletera de acontecimentos, também abriu uma trilha para a chegada das ideias pacifistas de Gandhi e para os ensinamentos de muitos gurus hinduístas, budistas e siquistas. Tais afetações contraculturais, começaram a ser processadas a partir da década de 1980, quando Rubem se pôe a escrever sobre feitiços, profecias e a ‘magia dos gestos poéticos’, que vem a ser o subtítulo do seu livro sobre *Gandhi* (1994).

Postas essas considerações introdutórias, pretendemos organizar o presente artigo em três tópicos: no primeiro, vamos discorrer sobre as primeiras atividades de Rubem no Brasil - seja em Campinas, onde se deu a sua formação teológica, e no Sul de Minas, como pastor presbiteriano e seus sete anos de exílio nos EUA, decorrente de perseguições políticas e situações de risco à sua vida.

No tópico seguinte, conceituar o que foi fixado pelos historiadores como movimento contracultural e as várias manifestações que a caracterizaram, aproximando-as das ideias que Rubem Alves vai externar em seus escritos nos anos seguintes.

Em conclusão, listar algumas posturas e falas do pensador - como sementes de variadas espécies que ele incubou durante os anos de desterro - e que começou a cultivar desde seu regresso ao Brasil, decidido que estava a ser tão somente um jardineiro dado a prosas destinadas a provocar reflexões e desassossegos, deixar aturdidos seus leitores e interlocutores e desafinar “o coro dos contentes”. Let's play that?

2. UM PASTOR INSURGENTE DESEMBARCA NUMA AMÉRICA REBELDE.

Em 1963, Rubem viajou sozinho a Nova Iorque para fazer a sua pós-graduação em estudos religiosos avançados no The Union Theological Seminary, instituição que lhe conferiu o título de mestre de Teologia Sacra, em 19 de maio de 1964, com a dissertação *A Theological interpretation of the meaning of the Revolution in Brazil/ Uma interpretação teológica do significado da revolução brasileira*. Encerrado o mestrado, ele retorna ao Brasil, precavido que ocorrera um Golpe Militar e que ele já não era benquisto no meio teológico.

Por essa época, Rubem estava influenciado principalmente pelo educador Richard Shaull - seu mestre durante o Bacharelado em Teologia, entre 1953 e 1957, no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas -, pelos escritos de Albert Schweitzer (1875- 1965), as reflexões de Paulo Freire (1921-1997) e da instituição *Iglesia y Sociedad en America Latina* (ISAL).

Ele também estava instigado pelas resoluções da Conferência do Nordeste, realizada em 1962, que conseguiu amalgamar uma nova teologia protestante. Rubem foi pioneiro no meio protestante a utilizar as expressões “revolução” (1963) e “libertação” (1968) em trabalhos acadêmicos de cunho religioso, pluralizando as vocações da teologia no Brasil e anunciando a emergência de um novo movimento na teologia latino-americana.

Sobre a ascendência intelectual e amizade de Shaul com Rubem, vamos recorrer ao depoimento do professor Zwinglio Mota Dias (1941-2021), concedido ao Instituto Rubem Alves, pouco antes de falecer.

O Shaul defendia uma igreja ecumênica e estava ligado a vários movimentos do Conselho Mundial de Igrejas. Veio para a América Latina e passou nove anos na Colômbia (1942 e 1951). Ele foi evangelizado pela pobreza de lá. Nessa vivência, Richard descobriu o papel da dominação dos EUA na América Latina e os movimentos de resistência de esquerda, diz Zwinglio. Ele volta para os EUA e passa dois anos estudando o marxismo. Quando encerrou o seu doutorado, ele foi designado para trabalhar no Chile. Por ocasião do Encontro da União Cristã dos Estudantes do Brasil na Bahia (1952), o Shaul veio para esse evento e por aqui ficou 10 anos, acompanhando o movimento dos estudantes da Confederação da Mocidade Presbiteriana e como professor de História da Igreja no Seminário Presbiteriano em Campinas, vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), onde foi professor de Rubem Alves, aliás o seu melhor aluno (DIAS, 2021).

E prossegue o professor Zwinglio:

A Igreja Presbiteriana a partir dos anos 50 entrou numa atitude conservadora e fundamentalista. A presença de Richard Shaul se tornou insuportável à IPB. Ele saiu do Seminário de Campinas e foi trabalhar em São Paulo [entre 10 de setembro de 1960 e 31 de dezembro de 1961, ocupou a vice-presidência do Instituto Mackenzie] que era presbiteriano na linha americana, mas sempre acompanhando e apoiando o movimento dos estudantes presbiterianos. Muitos jovens que se politizaram, assumiram importantes papéis no movimento. O Shaul retornou para os EUA em 1962, mas quando ele quis voltar, em 1964, depois do Golpe Militar, a embaixada brasileira não lhe deu o visto de entrada. Só voltou 20 anos depois (DIAS, 2021).

Ainda sobre o período que antecedeu a ida de Rubem Alves para os EUA, seu bacharelado em Campinas e designação como pastor e professor na cidade de Lavras, vamos nos valer, mais uma vez, desse derradeiro depoimento do ex-aluno, colega e amigo, professor Zwinglio.

Fui aluno do Rubem a partir do 2º ano do ensino médio no Instituto Gammon. Ele assumiu as aulas de religião e filosofia que ele juntou numa única disciplina. Também foi pastor em duas igrejas. Uma no centro, que tinha um órgão esplendoroso, e outra num bairro proletário chamado Fábrica. Antes de iniciar o culto, tocava com maestria o órgão da igreja. Era um grande pastor, comunicativo, teatral, além de excelente orador. Rubem atraía muito público com seus concertos musicais que podiam ser ouvidos uma quadra além da Igreja. No final da década de 50 e início de 1960, ele começou a ter projeção entre os presbiterianos, sempre crítico às posições conservadoras e fechadas da igreja. Ele estava 'na batalha desde cedo' e isso foi muito importante para o protestantismo no Brasil e para a teologia com um todo nos anos posteriores (DIAS, 2021).

No seminário de Campinas, Rubem refaz a sua concepção de Deus e da Igreja para redimensionar a sua fé, ver a realidade social com um olhar sociológico e filosófico, especialmente por meio dos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, de 1844².

² Quem é o Marx, que está sendo ensinado por Shaul e lido por Alves, em saberes decisivos para sua proximidade com o pensamento social e ecumênico que desponta na América Latina? Até as duas primeiras décadas do século XX, o marxismo não era considerado um pensamento acadêmico com o devido rigor filosófico. A academia via o marxismo com preconceito e seus autores como insufladores de uma prática política, uma doutrina e teoria política panfletária dirigida às massas proletárias e aos trabalhadores sindicalizados. Foi somente a partir da segunda década do século 20 que o marxismo começou a ser aceito na academia como uma filosofia da contemporânea. É certo que o Instituto de Pesquisa Frankfurt (IPS), surgido em 1923, teve um papel fundamental ao introduzir e difundir na academia o pensamento dialético de Marx, não mais centrado unicamente na perspectiva da economia e luta de classes, embora inicialmente o IPS se parecesse com um centro marxista ortodoxo de estudos do trabalho. A leitura que Rubem fez dos *Manuscritos* de Marx, é uma versão depurada e reinterpretada por Max Horkheimer (1895- 1973) ainda quando o IPS funcionava em Frankfurt, uma releitura desbastada do determinismo econômico - a estrutura econômica como resolutive do todo social. Depois que ele se tornou diretor do IPS, em 1930, o leque de interesses abriu-se para uma mistura interdisciplinar da filosofia com as ciências sociais empíricas e, particularmente, a mistura de preocupações sociológicas e psicanalíticas. Foi quando Erich Fromm ingressou e passou a dirigir por uns tempos o IPS. Religioso, leitor do Talmude, historiador e cientista social, Fromm no decorrer de seu longo exílio nos EUA, rompeu com a ortodoxia marxista, tornou-se psicanalista e autor de livros de sucesso entre a comunidade contracultural. Se o leitor de Fromm e Alves notou que a trajetória intelectual do autor de *A arte de amar* tem semelhanças e aproximações com a de Rubem Alves, aqui podemos

Em 2006, Eduardo Guilherme de Moura Paegle, na dissertação de mestrado *A posição política da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) nos anos de chumbo (1964-1985)* apresenta em sua pesquisa, a disputa entre conservadores e progressistas no interior da Igreja Presbiteriana do Brasil no período que vai do golpe de 64 e perpassa toda a ditadura Militar, que durou até 1985.

Paegle afirma que o golpe de 1964 no Brasil e a instituição do regime militar que pôs fim ao governo civil de João Goulart, “a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) buscou se relacionar com o Estado, permitindo divergências eclesiais no seu posicionamento frente às questões éticas, sociais, políticas e econômicas colocadas no contexto do regime militar e da Guerra Fria” (PAEGLE, 2006, *apud* PEREIRA, 2013, p. 53).

As disputas eclesiais no interior da IPB colocaram em confronto a linha politicamente conservadora e a linha da Teologia da Libertação. A linha conservadora caracterizou-se pelo anticomunismo, antimodernismo e antiecumenismo e pelo apoio à ditadura militar, manifestada no jornal *Brasil presbiteriano*. Nesta disputa eclesial e política, surgem vários teólogos da libertação, entre os quais merece destaque na pesquisa de Paegle, o papel desempenhado por Richard Shaull e Rubem Alves, que buscavam fazer a autocrítica na IPB e difundir no interior da mesma a ideia de responsabilidade social cristã (PAEGLE, 2006, *apud* PEREIRA, 2013, p. 54).

Na biografia oficial publicada pelo Instituto Rubem Alves, está posto que Rubem, desde o seu primeiro regresso ao Brasil, voltou a residir em Lavras/MG. Lá começam seus anos de solidão, medo e perseguição, pois seu nome havia sido enviado ao Supremo Concílio com acusações difamatórias.

“Voltei ao Brasil. No aeroporto, durante a verificação na alfândega, eu ficava ali aguardando, pendurado sobre o abismo, fingindo tranquilidade, porque qualquer emoção poderia me denunciar -, até que o passaporte me era devolvido” (MUNIZ, 2012).

Com ajuda de amigos, Rubem tem acesso ao dossiê, que confirmava que ele era um dos indiciados. “O que mais doeu foi que uma das peças básicas da denúncia era um documento da direção do Instituto Gammon, escola protestante, que funcionava numa chácara que pertencera ao meu bisavô, e que a vendera aos missionários presbiterianos que fugiam da epidemia de febre amarela em Campinas/MG, nos fins do século passado” (MUNIZ, 2012).

Em 1965, em meio a perseguições políticas e teológicas, como se fosse uma personagem num *trailer* em busca de uma rota de escape e sobrevivência, Rubem foi convidado a fazer doutoramento no Seminário Teológico da cidade de Princeton, estado de New Jersey. “Não me esqueço nunca do momento preciso quando o avião decolou. Respirei fundo e sorri, descontraído, na deliciosa euforia da liberdade” – lembraria anos depois (MUNIZ, 2012).

Em 04 de junho de 1968 recebeu o título de doutor em Filosofia com a tese *Por uma teologia da libertação*. Rubem e a família regressaram ao Brasil no final de 1968 e, mais uma vez, encontram o país em plena convulsão política. A 13 de dezembro de 1969, foi publicado o Ato Institucional nº 5, ampliando o número de cassações e perseguições a opositores do regime, fossem pessoas ou entidades, e impondo a supressão de direitos de expressão e liberdades constitucionais.

O Ato trazia 12 artigos que impunham mudanças radicais na vida dos cidadãos, desmascarava e tornava pública a verdadeira face da ditadura militar: repressiva, autoritária e violenta. Entre as prerrogativas dadas ao presidente estava a de suspender os direitos políticos de cidadãos; proibição do direito de *habeas corpus* àqueles que fossem acusados de cometer crimes políticos; desobrigação do governo de ter que explicar à Justiça qualquer ação realizada com base no AI-5 e apreensão de recursos de cidadãos.

Deu-se início a mais um período de extrema violência militar contra os cidadãos na história da República. Rubem retorna mais uma vez para Lavras, mas sua vida de pastor estava no fim. No início de 1969, muda-se para Campinas e começa a lecionar na Faculdade de Filosofia de Rio Claro, iniciando a carreira acadêmica. Antes, porém, vivenciando a amargura do desemprego, retomou seus estudos musicais, obtendo o registro como professor de piano a 30 de junho de 1970, pelo Conselho Estadual de Cultura de SP³.

supor que tal fato não é mera coincidência. Em comum, a formação religiosa judaico-cristã, a adoção e posterior rompimento com o marxismo ortodoxo, o exílio nos EUA, a imersão na contracultura estadunidense, a formação psicanalítica na maturidade e, em seguida, a resolução de se dedicar à escrita de livros que se tornaram populares e referência para as novas gerações. Mas dessas aproximações e afinidades vamos tratar no capítulo das conclusões ou, melhor, das suposições

³ O manuseio dos teclados não lhe era estranho. O piano fora, inclusive, a sua primeira e manifesta vocação desde que a família, já em melhor situação econômica, se mudou para o bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Aliás, no filme *Um professor de espantos* (MUNIZ, 2012), Alves relembra que era muito humilhado no colégio pelo sotaque, um ‘r’ forte e vibrante, característico dos que nascem na Paulistânia, denominação geográfica e cultural que inclui a cidade natal de Boa Esperança, no Sul de Minas Gerais. Em razão desse assédio, pensou em ser um pianista de renome. Deu-se que certo dia, um conterrâneo, um menino ainda trajando calça curta, acompanhado da mãe, chegou para uma visita: “O Nelson Freire (1944- 2021) veio à minha casa com três anos. Entrou pela sala e foi

Em 1971, novamente retornou aos EUA convidado a lecionar como professor visitante no *The Union Theological Seminary* em Nova Iorque e ali vive com sua família durante mais um ano. Quando regressa ao Brasil em 1972, retorna às aulas na Faculdade de Rio Claro/SP.

Ao todo, Rubem viveu nos EUA seis anos da década de 1960, e um ano em 1971, residindo em duas importantes cidades, Nova Iorque e a vizinha Princeton, frequentando prestigiadas universidades, testemunha ocular de acontecimentos que historicamente dividiram a “big apple” em duas: uma anterior a 1950, e uma outra agrupando as outras cinco décadas que lhe foram posteriores, até o clímax com a explosão das torres gêmeas em setembro de 2001.

No perfil publicado pelo site do Instituto Rubem Alves está posto que ‘seus anos de exílio foram de muita felicidade’. Por essa assertiva de contentamento, vamos suscitar que foi por lá que o pastor ‘insurgente’ ouviu um anjo torto e rebelde, o mesmo que havia segredado décadas antes nos ouvidos de Carlos Drummond de Andrade: “Vai, Rubem! Ser *gauche* na vida!”.

Não foram apenas “os anos mais felizes da família Alves”, foram momentos de muita observação, estudo e reflexão para o teólogo, filósofo e escritor. E mais importante: o fechamento de um ciclo inspirador para quebras de correntes e o preparo de ‘fertilizantes’ na criação de jardins, nos quais plantou centenas de livros que ‘fizeram a cabeça’ de muitas gerações.

O encontro com a contracultura estadunidense assentou em Rubem, desde então, uma postura de não alinhamento com qualquer ortodoxia, aguçou a vontade provocar e desafinar o ‘coro dos contentes’, e de ser um ‘anjo torto’ na vida. A partir dessa opção, encerra-se a fase de teológico-acadêmica ou fase da ‘esperança e ‘de libertação’. Rubem se torna um cético? Não, apenas optou em ser *gauche* dali em diante.

3. RUBEM ALVES E A CONTRACULTURA.

“(…) Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta/Mas um dia afinal eu toparei comigo.../Tenhamos paciência, andorinhas curtas/Só o esquecimento é que condensa/E então minha alma servirá de abrigo”. *Eu sou trezentos*, de Mário de Andrade (1893-1945).

O termo contracultura num sentido amplo está ligado a tudo aquilo que rejeita e se contrapõe aos valores e pensamentos culturais dominantes de uma época. Ele não está adstrito à década de 1960, a uma determinada faixa etária e, especificamente, a atitudes comportamentais de ‘uma juventude rebelde’ como a contemporaneidade nos fez acreditar. O termo contracultura é de largo espectro e pode ser aplicado às muitas rupturas sociais e culturais ao longo da humanidade.

Dildo Pereira em sua citada tese de doutorado, depois de afirmar que a proposta pedagógica de Rubem, por ter raízes antropológicas e filosóficas, deve ser considerada contracultural e revolucionária. Mas adverte que “entre reservas e admiração o pensador de Boa Esperança escolheu aprender com ambos. Difícil dizer ou mesmo encontrar as reservas deste autor aos dois movimentos. Fácil é dizer que Rubem Alves aos dois se integra e pertence ou, pelo menos, de ambos extrai elementos positivos. Um contracultural romântico?” (PEREIRA, 2013, p. 196).

Rubem faz uso da expressão ao se referir a distintos períodos de rupturas da história. Por exemplo, quando evoca a comunidade de Israel, tal como descrita no Velho Testamento. “As primeiras comunidades cristãs foram uma contracultura. Ou, mais precisamente, uma cultura clandestina” (ALVES, 1986, p. 192 *apud* PEREIRA, 2013, p. 195).

Nessa chave, o surgimento do próprio cristianismo foi um movimento contracultural, quando Paulo de Tarso faz a síntese da tradição da Israel judaica, com a filosofia grega e com o direito romano, e torna as religiões abraâmicas hegemônicas, especialmente no Ocidente. De igual modo, dando um salto no tempo, quando Martinho Lutero e João Calvino quebram essa hegemonia com as reformas protestantes, que antecipa a modernidade e afirma a consciência do indivíduo e da liberdade individual, dispensando a mediação eclesiástica entre o ser humano e Deus.

Da mesma forma, o período da Renascença é, essencialmente, uma tomada de consciência e reviravolta contracultural em todos os campos do conhecimento. Na contracultura renascentista, o indivíduo cidadão passar a experimentar a sensação de comandar o seu destino, liberto das amarras que ditavam a vida

direto até o piano e começou a tocar. Um ano depois ele fez o seu primeiro concerto. Ele tinha feltro nos dedos e acariciava as teclas, ao contrário de alguns pianistas que martelam o teclado. Nesse momento foi que eu compreendi que Deus protege uns, e não protege outros. Não me ajudou a ser pianista, ajudou um pouquinho para que eu fosse um escritor. Sempre quero ouvir música, porque a alma em seu mais profundo está cheia de música”.

social e pessoal. Sensação mais tarde adotada pelos liberais iluministas, agentes da separação entre a Igreja e o Estado.

Crítico inclemente do romantismo e da cultura europeia do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844-1900) – uma das admirações de Alves – pode ser associado à contracultura de sua época. No aforismo do *Insensato* na *Gaia ciência*, Nietzsche diz que Deus está morto, porque Deus não está presente na modernidade. Quem mata Deus na modernidade é a ciência, porque no modelo científico moderno não cabe mais Deus. Resta o cientista que toma o seu lugar. Essa dissensão de Nietzsche é essencialmente contracultural.

As narrativas acima são bastante como fatos e atitudes para serem caracterizadas como contraculturais. Ao postular e promover rupturas, tais acontecimentos se colocam em dissonância com o pensamento e ambiência da época em que ocorreram e abriram novos parâmetros para a história.

Dildo Pereira, reitera que a proposta pedagógica de Rubem Alves tem essa dupla face: é romântica e contracultural. E que ele bebe nas duas fontes, sem colocá-las em conflito. Pelo contrário, as ‘revoluções’ são movidas por sentimentos utópicos em ação.

“ Os movimentos contraculturais dos nossos dias apresentam fragilidades e paradoxos que devem ser tidos em conta quando tentamos compreender o papel destes na sociedade e na revolução. Então, Rubem Alves afirma que “a contracultura carece de maior consistência em relação à sua capacidade de sustentar a revolução com bons resultados até que a libertação seja consumada” (ALVES, 2013, p. 196).

De igual modo à proposta inicial deste artigo, o pesquisador Dildo Pereira fez uma revisão da bibliografia sobre a contracultura nos anos 1960 nos EUA, também em busca de possíveis afetações que ela teve sobre Rubem Alves no seu período de exílio. Sua intenção era colocar de pé uma de suas premissas que a proposta pedagógica que ele começa a esboçar na década seguinte tem traços da contracultura estadunidense.

O que diz o pesquisador:

Rubem Alves estuda nos Estados Unidos entre os anos de 1962 e 1968. Ali faz mestrado e doutorado. Além dos movimentos de esquerda, estudantis e contraculturais, ele entra em contato com o pensamento de muitos intelectuais que tecem críticas contundentes à sociedade e à cultura da época. Tanto a sociedade americana quanto a sociedade europeia. Pereira ao descrever a contracultura apresenta alguns destes estudiosos e pensadores com cujas obras Rubem Alves, sem dúvida entrou em contato e com elas simpatizou. Por exemplo: [...] nomes como Paul Goodman, Dwight McDonald e, especialmente, C. Wright Mills, ao lado de grupos que sustentavam publicações radicais como *Liberation* e *Dissent*, vinham, nos Estados Unidos, tentando desvendar a nova realidade das sociedades tecnocráticas. Os trabalhos de pensadores como Herbert Marcuse ou Norman Brown, pelo confronto que forneciam entre as obras de Marx e Freud e pelo que exploravam no sentido de descobrir os mecanismos, as raízes ou o sentido de fenômenos tais como a dominação, a repressão ou a alienação, bem como as possibilidades de transformação social radical nas modernas sociedades industriais, viriam a constituir, por sua vez, um dos mais sólidos pilares teóricos da crítica da contracultura. (PEREIRA, 2013, p.200 *apud* PEREIRA, 1984, p. 38).

Rubem Alves chama de novas religiões aos movimentos de contestação da sociedade e da cultura modernas. E sobre sua aproximação com os mesmos, Rubem escreveu em 1986:

E as novas religiões – dentre elas a mais fascinante – naqueles dias, contracultura, o desespero com a política, o esforço para criar bolsões de um estilo diferente de vida, forma moderna de monasticismo, seitas, ilhas de amor em meio a um mundo de ódio. Como eu estava fascinado por aquilo. E queria que a coisa frutificasse. Era ali que encontrava meus aliados mais próximos. (ALVES, 1986, p. 18 *apud* PEREIRA, 2013, p. 200).

Porém, acrescenta Dildo Pereira, ele não tinha certeza se era este o caminho mais acertado. Não tinha certeza se os frutos que desejava poderiam vir por ali. Temia que tudo não passasse de sonhos impotentes e exercícios ‘masturbatórios’ que não tinham a possibilidade de engravidar o presente. Podia ser tudo ilusão. Apenas ilusões e nada mais. Por isto, em atitude filosófica, crítica profética, ele, com lucidez científica, toma o caminho da investigação. Opta pela pesquisa e observação (PEREIRA: 2013, p. 201)

E acrescenta:

Rubem Alves encantou-se com a proposta de revolução contracultural. Mas, não teve certeza de que este era o caminho mais seguro. Por isto quis compreender melhor a sociedade que rejeitava e, da mesma forma, desejou também compreender o mundo que

desejava. Com o qual sonhava. E quis, também, para não cometer os mesmos erros que percebia nos movimentos da contracultura, saber como construir este mundo dos seus sonhos. Que habitava os sonhos de tantos jovens no mundo inteiro. Os movimentos contestatórios lhe enchiam os olhos e o coração. Mas a sua razão lhe dizia que a segurança do caminho ele a encontraria nos teóricos do novo mundo, da nova sociedade e do novo Homem (PEREIRA: 2013, p. 201).

3.1. Rotas para aproximar Rubem Alves da Contracultura.

“Eu pensava ter dado um grande salto para a frente e percebo que na verdade apenas ensaiei os tímidos primeiros passos de uma longa marcha”, última frase do filme *A Chinesa* (1966), de Jean-Luc Godard, inspirado em slogans maoístas.

Nas páginas finais do livro *O que é religião*, Rubem Alves indica para leitura o livro *Contracultura*, de Theodore Roszak (1972), que a define como um movimento de jovens interessados pela psicologia da alienação, pelo misticismo oriental, pelas drogas psicodélicas e pelas experiências comunitárias cuja concepção era absolutamente oposta aos valores e pressupostos que constituíram os pilares da sociedade pelo menos desde a Revolução Científica do século XVII.

Eric Hobsbawm (2000) preferiu o termo “Revolução Cultural” para nominar os eventos de intensa contestação dos valores pré-estabelecidos por parte dos jovens das décadas de 60 e 70 que, segundo ele, teve como princípio básico uma mudança estrutural irreversível na família e na participação do jovem na sociedade.

O livro *O que é contracultura*, de Carlos Alberto Messeder Pereira, é um “estado de arte” sobre o movimento, um vasto panorama desde sua gênese no pós-guerra nos EUA até seus desdobramentos nas décadas seguintes. Publicado no início da década de 1980, na *Coleção Primeiros Passos*, da Editora Brasileira, a edição teve grande sucesso pelo conteúdo sintético e análise de fatos históricos cujas chamas ainda fumegavam na memória daqueles que vivenciaram aqueles anos incandescentes.

Vamos lançar mãos sobre esse ‘estado de arte’ para lembrar alguns fatos da década de 1960 que podem ter influenciado nas rotas futuras de Rubem Alves, cuja trajetória existencial, acadêmica e literária está marcada por rupturas em seu pensamento e comportamento. Aqui vamos fazer um recorte dando prerrogativas aos fatos que ocorreram nos EUA à época em que lá ele residia.

Messeder Pereira diz que inicialmente, o fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, livre uso de drogas. Mudanças comportamentais que, aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia um absurdo. No entanto, aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais. Ao contrário, significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas (PEREIRA, 1986, p. 7).

E acrescenta:

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura (PEREIRA, 1986, p. 7).

Muitas bandeiras foram levantadas nessa época. Elas clamavam por direitos civis pleno para os negros, pelo fim das guerras, pela paz, liberdade individual, não submissão das mulheres e sexo livre. Palavras de ordem e expressões de forte impacto tornaram-se usuais, primeiramente pela juventude nos EUA, mas que logo, quase que instantaneamente – via telex - se espalharam mundo afora.

Algumas palavras de ordem: Paz e Amor, Paradise Now (Paraíso agora), Desbunde, *Black is beautiful*, Desrepressão, Revolução Individual. *You Are What You Eat* (Você é o que você come), Aqui e agora, É Proibido proibir, *Make love, not war* (Faça amor, não faça a guerra), A imaginação no poder - a lista é infinta e foram capazes de mobilizar multidões de jovens e intelectuais, nas mais diferentes partes do mundo.

No decorrer da década de 1960, a indústria cultural, um fenômeno econômico, social e político - sobre o qual se debruçaram os intelectuais alemães do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (IPS), em situação de exílio nos EUA, na década de 1940 - estava no auge e havia se transformado numa ideologia quase que homogênea sobre aquela sociedade, na qual cidadãos foram ideologicamente transmutados em consumidores.

Um novo estilo de mobilização e contestação social, praticadas nas ruas e universidades – rompendo a secular e hierárquica relação mestre & aluno - bastante diferente da prática política tradicional, firmava-se cada vez com maior força, pegando a crítica e o próprio sistema de surpresa. A juventude protagonizava, enquanto grupo etário e racial, um polo de contestação à sociedade de classes e aos supremacistas brancos. O que, afinal, estava acontecendo?

Falava-se no surgimento de uma nova consciência, de uma nova era, enfim, de novos tempos. Era uma revolução em curso? Estava-se presenciando o surgimento de uma nova utopia? Mas essa palavra criada pelo inglês Thomas Morus (1480-1535), que a usou em seu livro de igual nome, era algo impossível de ser realizado.

Rubem Alves desembarca nos EUA numa década em que o país vivia o ápice de um período de crescimento econômico, com qualidade de vida, efervescência cultural e política – a ‘Era do Ouro’, na perspectiva do historiador inglês Eric Hobsbawm (1914-1991).

Um dos sociólogos admirados por Rubem era o alemão Karl Mannheim (1893-1947), que fora aluno de Lukács (1885- 1971) e de George Simmel (1858-1918). Este último foi o que trouxe para a sociologia a inquietude das ruas, o anonimato, a indiferença com o outro nas recentes urbes impactadas pela Revolução Industrial na passagem do século XIX para o XX.

Autor de *Ideologia e utopia*, Mannheim tinha imaginação, diz Rubem, era inteligente, não precisava de se valer de estatísticas para pensar. “Há mais de 50 anos Mannheim predisse o desaparecimento das utopias. O que são utopias? São fantasias sobre uma sociedade que melhor servem para guiar uma ação” (ALVES, 2020, p. 140).

Terá sido uma utopia a insurgência da juventude estadunidense na década de 1960? Ou apenas se prestaram para ampliar fantasias e os negócios da indústria cultural?

Mannheim, em sua breve vida – nasceu na Hungria, estudou na Alemanha e exilou-se em Londres - estudou a juventude enquanto um conceito sociológico. Em uma sociedade inclinada à dinamicidade, dizia ele, a juventude é prestigiada e requisitada nos movimentos de mudança social. A sua formulação, sob certa perspectiva, pode ser aplicada aos jovens estadunidenses, que emergiram como grupo reivindicante, a classe estudantil, mas que logo se fez consumidora, modelo valorizado e ambicionado pela cultura de massas.

“Embora não seja inerentemente revolucionária, pois pode ser impulsionada tanto por movimentos revolucionários quanto por movimentos conservadores, a juventude funciona sociologicamente como agente revitalizante, sendo quem melhor se ajusta às novas situações ou às circunstâncias em acelerada transformação” (REZENDE, 2022).

A indústria cultural, no entanto, é um mecanismo no qual as massas ou grupos são produzidas. Elas não preexistiam. Na visão de Horkheimer e Adorno (1985) é a indústria cultural que as cria, formando um gigantesco aglomerado urbano de cidadãos consumidores que a indústria cultural necessita para viver.

Para tal, os indivíduos são sequestrados de sua subjetividade, retirados de sua condição de indivíduos autônomos, que deixam de pensar por conta própria. Não são mais pessoas que tem direito a desenvolver uma experiência autóctone ao mundo, por exemplo, em relação à arte. O que lhes é dado para consumir é algo pasteurizado, pronto para ser deglutido de forma alienada.

Despidos de sensibilidade, são capturados e entregues aos movimentos das massas, que lhes dão uma sensação conforto, um lugar onde se sintam bem. Ao produzir em larga escala e oferecer para o grande público as vestimentas, músicas, livros, filmes e outros símbolos que caracterizavam a contracultura, a indústria cultural absorveu e neutralizou todos os movimentos de descontentamento que se opunham ao capitalismo: simplificá-los e transformá-los em produto.

“A indústria cultural tem por motivação justamente suspender esses processos de pensamento. Ela oferece pensamentos prontos, por meio de clichês, de repetições, objetos que atingem muito fácil a sua percepção fazendo com corpos e espíritos sejam sequestrados por essa indústria, que está presente em todos os segmentos da sociedade; não só música e cinema, mas na comida, moda, lazer – em todos os espaços do dia a dia dos cidadãos” (TIBURI, 2022).

No campo do ensino, a indústria cultural quando penetra na educação, por exemplo, sequestra a capacidade de refletir a subjetividade dos alunos. E esse sequestro foi o “cavalo de batalha” de Rubem Alves em sua (terceira) fase poética e pedagógica.

Observa Pereira em sua tese:

Ele é inquestionavelmente a “pedra de escândalo” drumondiana. Seus escritos e suas conferências fazem acordar os homens e são carícias que ninam e tocam a sensibilidade das crianças. Principalmente a criança que dorme dentro de cada adulto ou educador

inquieta com o que se tem e se vê como educação formal no Brasil. Aqui encontramos o Rubem Alves contracultural. Descontente com a modernidade e frustrado com as promessas não cumpridas da sociedade tecnológica e das ciências. O filósofo que busca abrigo na companhia do Romantismo e da Escola de Frankfurt (PEREIRA, 2013, p. 119).

3.2. Rubem Alves e a imaginação de Wright Mills.

Alves cita Mills em uma de suas primeiras obras direcionadas aos educadores – *Conversas com quem gosta de ensinar* (1989), livro que demarca a sua terceira e última fase/ metamorfose/itinerário existencial: poético-pedagógica, na visão de Pereira (2013) ou poético filosófica na perspectiva de Nunes Vidal: “e por último, chegou ao poético e místico preocupado em viver a vida no seu fluir. Converteu-se, assim, num cronista do cotidiano” (NUNES, 2001, p. 15 *apud* PEREIRA, 2013, p. 117).

Charles Wright Mills (1916-1962) é autor de uma das obras de maior impacto no campo da *práxis* das ciências sociais: *A imaginação sociológica*, publicada em 1959, no alvorecer da década de 1960. Mills fixou presença nas ciências sociais contemporânea como um sociólogo *pop ou beat* extemporâneo, um intelectual-de-ação cuja vida não pode ser dissociada de um período de intensa atividade intelectual e avivamento de todas as artes nos Estados Unidos.

Numa conjuntura de prosperidade econômica do pós-guerra, de conformismo político e crescente celebração e apologia ao *American way of life*, Mills era uma voz dissonante. Para ele, como e, enquanto intelectual, o pensamento só pode ser crítico e radical. Mills se dedicou a reflexões da importância e impacto da Indústria Cultural sobre as pessoas em seu método sociológico. A cultura e a sua variante – a indústria de entretenimento - em que se transformou nos EUA, legítima interesses, trata as pessoas como consumidores acrílicos, que são definidos a partir dos produtos consumidos, incluindo a produção artística. Ela está a serviço das classes dominantes, das corporações, da *Elite no poder*, obra que antecedeu, em três anos, *A imaginação sociológica*.

Mills escreve e publica no período mais intenso de “caça às bruxas”, o auge de atuação do Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas do Senado dos Estados Unidos (1953-1954) comandado pelo senador republicano Joseph McCarthy, que intimou e interrogou 550 de cidadãos, especialmente os que pensavam, os que se dedicam às atividades artísticas e acadêmicas. Wright Mills, para os padrões do Comitê, era um comunista. Rubem Alves, na década seguinte, viveu os mesmos percalços no Brasil.

Ao citar Mills na obra *Conversas com quem gosta de ensinar* Rubem Alves sinalizou uma mudança de rota, que significava uma ruptura com a liturgia acadêmica e o desejo – que ele realizou - de seguir como um profeta anunciando boas novas, não mais como aquele pastor de Lavras – mas por meio de uma *práxis* que reunia saberes de distintas áreas do conhecimento humano.

À moda dos caixeiros viajantes que visitavam a sua serra trazendo em suas malas um “museu de novidades”, Rubem se lançou ao mundo, fabulando e lançando livros. Um modo de vida *pop*, erguendo templos em auditórios, teatros, para os quais acorriam multidões de leitores, não mais atraídas pelos acordes de um órgão, mas em busca das encantarias de um bruxo fabuloso, declaradamente leitor de Carlos Castañeda, - uma heresia nos meios acadêmicos - supostamente um escritor/místico mexicano, que se manifestava por meio de um xamã de nome D. Juan – e que se tornou mundialmente conhecido na década de 1970, especialmente nas comunidades alternativas e contraculturais.

“Em 1972, no artigo *Da gestão do futuro* - depois livro de igual nome publicado em 1993 - Rubem Alves se descola desse grupo mais duro da teologia da libertação e se dedica a pensar a fé/religião, a partir da chave imaginação. Daí a importância da poesia, do corpo, delírio, esperança, - ele se torna o teólogo da imaginação, nesse sentido” (ALMEIDA, 2020).

O jornalista Jamil Chade, correspondente internacional, sediado há mais de duas décadas em Genebra, no prefácio que fez ao livro *Conversas sobre política* (2020), uma seleta de crônicas publicadas em jornais, diz que ler Rubem Alves é um ‘convite à insurreição’, um ‘levante utópico’ para que a beleza seja devolvida à sociedade.

Na crônica *Esperança*, ao se desculpar aos amigos que manifestaram preocupação com a possibilidade de estar deprimido por ter escrito que havia perdido a esperança, Rubem responde que sim, a esperança já não era mais a sua companhia, não por depressão, “mas perdi as esperanças no momento em que decido acreditar naquilo que meus olhos têm estado a me dizer vida afora” e que a sua perda pode, ao contrário ‘ ser manifestação de lucidez” (ALVES, 2020, p. 104).

Na página seguinte, Rubem deixa mais claro o motivo dessa perda: “enterrei a política oficial, essas dos partidos, dos comícios, das carreatas, das promessas, do tudo isso te darei se votares em mim”. E recorre a *O príncipe*, de Maquiavel: o mais importante é ser virtuoso ou parecer ser virtuoso. A resposta: no jogo do poder o que importa não é ser, mas parecer ser (Alves, 2020, p. 105). Uma moradia feita de aparências que o futuro psicanalista não quer mais habitar.

Foram essas mudanças que Rubem fez paulatinamente a cada regresso dos EUA, por certo, impactado por aquela sociedade em alvoroço. São pontos de vista que vão se alterando. Primeiro na vida religiosa, quando é perseguido pelos colegas por conta de sua filiação a uma igreja comprometida com os pobres; quando rompe com a ortodoxia marxista que toma a frente da teologia da libertação; quando passa a criticar aos métodos ensino em geral, desde a escolarização inicial até as universidades. Um olhar de desencantamentos, mas que mira perspectivas. “O que faz brilhar meus olhos é ver o capim que brota sob a primeira chuva, depois da devastação da queimada” (Alves, 2020, p. 106).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu sou mil possíveis em mim, e eu não vou me resignar em ser apenas um deles/ Eu sou mil possíveis em mim”. Roger Bastide (1898–1974).

Na abertura do item 3, utilizou-se de uma epígrafe em que Mario de Andrade confessa a multiplicidade de suas facetas, que podiam ser 300 ou 350. Para estas conclusões, valer-se-á de uma frase de Roger Bastide, que viveu exilado no Brasil entre 1937 e 1954, atuando como professor da USP e no Departamento de Cultura de São Paulo dirigido por Mário de Andrade, de quem foi amigo fraterno.

Essa frase foi usada numa correspondência de Bastide dirigida ao conterrâneo André Gide (1869-1951), na qual exacerbou a quantidade de personas que nele habitava afirmando ser mil, número extraordinário, mas que não era absurdo, pois além de professor de sociologia, dedicou-se durante muitos anos ao estudo e prática das religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia, na condição de ‘filho de Xangô’. Bastide, pasmem, também era membro da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

Rubem Alves não era um religioso sincrético como Bastide. Era um ecumênico que passou por várias fases/etapas/trajetórias durante seu itinerário. As rupturas e intermitências foram narradas nos tópicos anteriores. Sua admiração e deferência aos heterônimos do poeta Fernando Pessoa, sempre citado em suas parábolas, demonstra que Rubem se sentia bem e se colocava entre esses indivíduos que eram múltiplos e recebiam distintas denominações – teólogo, pastor, profeta, filósofo, psicanalista, educador, escritor, cronista e poeta. Mas despistava os interlocutores que, por equívoco fonético, o chamavam de ‘Rubens’ - “É Rubem, porque eu sou um só”, dissimulava -.

O revertério pessoal de Rubem na década de 1980, traz à memória um personagem marcante de uma das obras da trilogia filosófica existencialista de Jean Paul Sartre, autor que tinha destaque na biblioteca de Alves: o Mathieu Delarue, de *A idade da razão*, um professor de filosofia em crise existencial, que opta por viver a sua liberdade individual, sem o rol formalidades que até então cerceavam a sua vida.

Essa chegada à idade da razão desvela uma outra e derradeira face de Rubem, o poeta que reúne todo um acumulado de conhecimentos teológicos e acadêmicos - profetas do Antigo Testamento, Santo Agostinho, filósofos da Escola de Frankfurt, românticos do século XIX, Freud, teólogos do século XX, Wittgenstein, Michel Foucault, Bachelard, Deleuze, Enrique Dussel, Roland Barthes - e os transforma em prosa poética, “que só as pessoas que trazem uma diversidade dentro de si são capazes”.

No prefácio do livro *O enigma da religião* (1984), que originalmente é de 1975, ele diz: eu criei coragem para dizer as coisas com simplicidade. O homem dos conceitos, então, começa a escrever poeticamente, transformar toda aquela linguagem mais dura em simplicidade. Essa é a face que mais se destaca, esse Rubem que se transforma num bufão, num palhaço, numa criança que escreve como tal. O homem que se alicerçava numa multiplicidade de conceitos e saberes, põe-se, então a escrever poeticamente, a transformar toda aquela linguagem mais dura em simplicidade, a perseguir na vida “a beleza, mais do que a verdade” (ALMEIDA, 2020).

E mais:

Em *Protestantismo e repressão* (1982), ele percebe que a pessoa vai ficando escravo de uma doutrina, um saber solidificado, calcificado, que pode garantir a salvação e o futuro – esse é o lado doentio da religião. Essa perda da carga de existências é transformadora, porque essa criança que está em nós é capaz de perguntar o que é a vida. Essa é face que

mais se destaca, esse Rubem que se transforma num bufão, num palhaço, numa criança que escreve como tal” (ALMEIDA, 2020).

O enunciado deste artigo era situar Rubem Alves em meio dos eventos da contracultura da década de 1960 estadunidense e levantar pistas sobre possíveis afetações em sua obra levando em conta a assistemática de seus escritos partir da década de 1980, quando ele se fez poeta e passa a usar metáforas/fabulas como forma de se expressar.

Na breve revisão bibliográfica e audiovisual (livros de/e sobre Rubem, palestras, entrevistas e bate papo gravados em vídeo) que fizemos para dar sentido à proposta de aproximar o escritor das questões esparramadas ao mundo pela contracultura estadunidense da década de 1960, trabalhamos com uma cronologia de dois acadêmicos, sugeridas em suas respectivas teses de doutoramento.

Nossa conclusão, é que ocorreu uma afinidade decisiva, especialmente na ruptura que se deu a partir de 1980, quando perto de completar 50 anos, Rubem fez a sua reconversão pessoal - um alumbramento ou um 'desbunde' - quando o menino que o coabitava fez-lhe um chamamento. Aliás, a memória desse menino foi uma constância que ele manteve em todas as suas travessias/travessuras. Sobre o impacto da contracultura em sua vida é próprio Rubem que diz: “Como eu estava fascinado por aquilo. E queria que a coisa frutificasse. Era ali que encontrava meus aliados mais próximos” (ALVES, 1986, p. 18 *apud* PEREIRA, 2013, p. 200).

No que a contracultura tinha e manifestava em sua essência, muitas ideias e comportamentos frutificaram em variados jardins que foram sendo criados nas décadas seguintes. Rubem guardou algumas sementes e as fez germinar em sua obra e na sua postura de profeta e andarilho, o menino de Boa Esperança que “carregava água na peneira”⁴.

⁴ O menino que carregava água na peneira, de Manoel de Barros (1916 -204), disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=JWRMUK4nzRQ>>: “Tenho um livro sobre águas e meninos./ Gostei mais de um menino/que carregava água na peneira./A mãe disse que carregar água na peneira/era o mesmo que roubar um vento e/sair correndo com ele para mostrar aos irmãos./A mãe disse que era o mesmo/que catar espinhos na água./ O mesmo que criar peixes no bolso./ O menino era ligado em despropósitos./ Quis montar os alicerces/ de uma casa sobre orvalhos./ A mãe reparou que o menino/ gostava mais do vazio, do que do cheio./Falava que vazios são maiores e até infinitos./ Com o tempo aquele menino/ que era cismado e esquisito./ porque gostava de carregar água na peneira./ Com o tempo descobriu que/ escrever seria o mesmo/ que carregar água na peneira./ No escrever o menino viu/ que era capaz de ser noviça,/ monge ou mendigo ao mesmo tempo./ O menino aprendeu a usar as palavras./ Viu que podia fazer peraltagens com as palavras./ E começou a fazer peraltagens./ Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela./ O menino fazia prodígios./ Até fez uma pedra dar flor./ A mãe reparava o menino com ternura./ A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!// Você vai carregar água na peneira a vida toda./ Você vai encher os vazios com as suas peraltagens./ e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!”

REFERÊNCIAS

Aula Magna da Classe de Estudos Rubem Alves. Produção de Edson Fernando Almeida e Thiago Barbosa. Youtube, 23 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C_ecxrzvJsQ&t=239s> Acesso em: 12 abr. 2022.

ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão.** São Paulo: Ática, 1979.

_____, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia.** São Paulo: Loyola, 1981.

_____, Rubem. **O enigma da religião.** Campinas-SP, Papirus, 1984.

_____, Rubem, **Estórias de quem gosta de ensinar.** (4ª ed.). São Paulo: Cortez, 1985.

_____, Rubem. **A gestação do futuro.** Originalmente **Tomorrow's child.** Campinas: Editora Papirus, 1986.

_____, Rubem. **O preparo do educador.** In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte.* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 15-28.

_____, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência.** O dilema da educação. (12ª ed.). São Paulo: Loyola, 2004.

_____, Rubem. **O velho que acordou menino (infância).** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

_____, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 15ª edição, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Carlos Drummond de Andrade: poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003

CASTRO, Celso. Sociologia e a arte de manutenção de motocicletas. In: CASTRO, Celso (Org.). **Artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

CASTRO, Thiago B. **O Poder Jovem de Arthur José Poerner: tipos e mitos na construção da memória estudantil.** Revista Ponto & Vírgula. São Paulo: PUC/SP, nº 17, 2015, p. 233-250. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/25421-Texto%20do%20Artigo-66200-1-10-20151105.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022

CATANI, Afrânio Mendes. FERNANDES, Heloísa Rodrigues (Org.). **Wright Mills: sociologia.** Tradução de Aldo Bocchini Neto e Mitsue Morissawa. Revista Administração de Empresa. São Paulo: Ática, 1985, vol. 25, nº 3.

CAVALCANTI, Ronaldo de Paula. **A teologia protestante de Rubem Alves: proto-história da Teologia da Libertação.** Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 23, n.1, 2020, p. 56-70.

Disponível em:

[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/33138-Texto%20do%20artigo-133465-1-10-20201231%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/33138-Texto%20do%20artigo-133465-1-10-20201231%20(1).pdf). Acesso em: 04 abr. 2022.

CUNHA, Magali. **Lá se foi um pastor de verdade! Um tributo a Zwinglio Mota Dias.** Revista Carta Capital, São Paulo, edição de 24 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/la-se-foi-um-pastor-de-verdade-um-tributo-a-zwinglio-mota-dias/>>. Acesso em: 03 de mai. 2022

DIAS, Zwinglio Mota. **Memórias e encontros com Rubem Alves.** Entrevista virtual concedida a Moisés Coppe e Humberto Ramos. Campinas, Instituto Rubem Alves/IRA, em 21 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MtlhOpeACUg&t=1613s>>. Acesso em: 20 ab. 2022.

BARROS, Manoel. **O menino que carregava água na peneira**. Produção de Odilon Esteves. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JWRMUk4nzR0>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

FEURBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 4ª edição, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914/1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KIVITZ, René Ed. Visões diferentes de Deus são origem de cisão entre evangélicos conservadores e progressistas no Brasil. **BBC News Brasil (Online)**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55320830>>. Acesso em: 20 ab. 2022

_____. Rene Ed. Espiritualidade inconsistente e o mercado de Deus. **Café Filosófico (Online)**, TV Cultura, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_I9bcVHNggA>. Acesso em: 20 ab. 2022

MILLS, Wright. A promessa. In: **A Imaginação Sociológica**. Tradução de Aldo Bocchini Neto e Mitsue Morissawa. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

NUNES, Antônio Vidal. **Rubem Alves e a educação dos sentidos: um estudo dos seus pressupostos filosóficos e pedagógicos**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação, São Paulo: USP, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

PEREIRA, Dildo. **Antropologia e educação: raízes contraculturais do pensamento pedagógico de Rubem Alves**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação, São Paulo: USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04062013-133620/pt-br.php>>. Acesso em: 12 mai. 2022.

QUEIROZ, Dulce. **Rubem Alves, o professor de Espantos**. Direção de Dulce Queiroz. Brasília: TV Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iyQw5kLu1nU>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

REZENDE, Milka de Oliveira Rezende. **Contracultura**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/contracultura.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. São Paulo: Vozes, 1972.

TIBURI, Márcia. **O que é a Indústria Cultural**. Produção de Márcia Tiburi, para o canal “Filosofia em comum” (Youtube), publicada em 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nq6KMMoqNuk&ab_channel=MarciaTiburi%7CFilosofiaemComum>. Acesso em: 06 jun. 2022.